

INSTITUTO JUNGUIANO DO RIO GRANDE DO SUL
IV TURMA DE FORMAÇÃO PARA ANALISTA JUNGUIANO

INTERMEZZO: Um espaço criativo entre mãe e filha

MARIA DENISE LEAL VARGAS

I Introdução

A relação mãe e filha nem sempre acontece de forma que a filha se sinta segura, confortável e acolhida. Cria-se um espaço em que ficam lacunas, tristezas e até mesmo ressentimentos.

Percebe-se que algo não ficou fluido, íntimo e confortável para mãe, filha ou ambas. É possível transformar essa relação? Como? O que, na filha, não está preenchido, olhado, pensado, sentido, no que se refere à relação mãe e filha?

É possível criar um espaço criativo? Criá-lo trouxe a possibilidade de ir ao encontro. Criar de forma intencional um tempo para simplesmente *estar com*, decidir, deliberar, entrar em intermezzo. Nada a fazer, apenas um encontro, um encontro criativo e reflexivo.

II Desenvolvimento

A cada semestre escreve-se, cria-se um *Position Paper*. Olhar para si e para o que já foi escrito traz as questões: Onde está este aluno em formação? E quanto a seu próprio processo? O que virá agora? Que sinais, mensagens, o inconsciente apontará agora?

Trata-se do terceiro ano da formação, com quatro *papers* escritos e outros por vir e que pedem por um ‘fio condutor’. Que fio está conduzindo este pensar? Ciente de que cada artigo foi vivido intensamente, o que está por ser criado?

Durante esses dois anos houve muitas horas de análise, supervisão, seminários, estes moldam e transformam o ser que escreve. A médica não é mais a mesma, já é uma médica Junguiana. E o Ser feminino que escreve?

Relembrando rapidamente os artigos anteriores, eles estiveram imbuídos na tentativa de fazer uma conexão entre o feminino e a psicologia analítica. Havia um olhar clínico à fisiologia e ao adoecer feminino com a compreensão analítica.

Criaram-se imagens.

No primeiro artigo, *O que te coça, o que te arde?*, criou-se um diálogo entre a coceira física e a psíquica, havia muita irritação e ardor que clamavam para serem olhados. A imagem que aparecia era o fogo.

Já no segundo artigo: *Menopausa, e Agora?*, percebeu-se a oportunidade que surge na menopausa de transpirar e transformar. A imagem vista foi a de um diamante.

O terceiro *Position Paper* procurou olhar para o complexo materno na história ginecológica da mulher. Percebeu-se que o sintoma pode estar simbolizando um grito do feminino que quer se manifestar. A imagem percebida foi o sintoma que grita por e para a mulher.

Um quarto artigo trouxe *O vaso gravídico*. Deste fica a ideia da existência de uma conexão maior, a imagem de um *Cordão Umbilical Cósmico*.

Ainda indefinida quanto ao artigo ora a ser escrito, espera-se por um sonho, uma ideia. Sente-se em *intermezzo*. Sente-se num momento reflexivo e interior. O *intermezzo* começa a tocar e pedir para ser ouvido. Tratava-se do *intermezzo* da opera de Mascagni, a *Cavalleria Rusticana*.

O que é um *intermezzo*? Trata-se de uma peça musical tocada na metade de uma ópera, entre dois atos. Uma pequena composição que preenche o intervalo entre dois atos.

Então haverá dois atos? Quais serão os conteúdos a serem escritos para o segundo ato? Não importa, agora é o *intermezzo*. Um agora, um momento interior.

Este trecho musical apontava para o coração, algo que penetrava de forma a preencher, tal qual o perfume se expande.

A palavra chegou... Preenchimento.

É hora de parar e preencher. O quê?

Nos artigos anteriores, o olhar da autora esteve dirigido a outras mulheres. Havia uma leitura da própria experiência, mas as mulheres referidas estavam fora, na experiência profissional. Um olhar projetado? A expressão da alma feminina era vista na outra mulher, na mulher que vai ao consultório médico, pede por ajuda, se queixa, tem coceira, sangra, engravida, entra em menopausa.

É chegado o intervalo. Cabe preenchê-lo. Preencher o quê? Há falha, falta, lacuna? Encontra-se em *intermezzo*. O momento agora pede com que a médica olhe para si. O que nela pede para ser ajudado, tratado, o que coça e sangra? Como poderá ela expressar melhor a sua própria alma?

O Universo é bondoso, está sempre apontando caminhos. Primeiro aponta com um livro emprestado que se encontrava em poder de sua filha. Mãe e Filha.

Outro caminho se apresenta. O *workshop* feminilidade consciente. Trata-se de um *workshop* colaborativo com Marion Woodman Foundation Body Soul Community e Márcia Taques Bittencourt assistido pela Analista Junguiana Anita Mussi Klafke. Um encontro de mulheres, um encontro interativo do corpo, alma e espírito. Um trabalho com os sonhos, o corpo, a voz e a arte. Assim foi apresentado em folder explicativo.

Decidida a ir, parte-se com a ideia: um mergulho. Escrever as vivências experimentadas? Ideia rapidamente descartada com a seguinte mensagem interior: “Apenas sinta e experimente”.

A semente germinou. A partir da frase dita pela autora na abertura desse *workshop*: “Vim para melhorar a minha relação enquanto filha e mãe”.

Como aconteceu? No início do evento, havia uma vela acesa no centro de uma circunferência de mulheres, representando uma vela em homenagem à deusa Sofia. Foi solicitado às mulheres presentes que cada uma acendesse à Sofia uma pequena vela a partir da luz de uma vela maior, enquanto se apresentava e falava de seus propósitos para o encontro.

Inicia-se este artigo a partir das palavras de Jung:

Deméter e Core, mãe e filha, totalizam uma consciência feminina para o alto e para o baixo. Elas juntam o mais velho e o mais novo, o mais forte e o mais fraco e ampliam assim a consciência individual estreita, limitada e presa a tempo e espaço rumo a um pressentimento de uma personalidade maior e mais abrangente e, além disso, participa do acontecer eterno. Não devemos supor que mito e mistério tenham sido inventados conscientemente para uma finalidade qualquer, mas ao que parece representariam uma confissão involuntária de uma condição prévia psíquica, porém inconsciente. A psique que preexiste à consciência (por exemplo, no caso da criança) participa, por um lado, da psique materna e, por outro, chega até a psique de filha. Por isso poderíamos dizer que toda mãe contém em si sua filha e que toda filha contém em si sua mãe; toda mulher ser alarga na mãe, para trás e na filha para frente. Desta participação e mistura resulta aquela insegurança no que diz respeito ao tempo: como mãe vive-se antes; como filha depois. Da vivência consciente desses laços resulta um sentimento da extensão da vida, através de gerações: um primeiro passo em direção à experiência e convicção imediatas de estar fora do tempo dá-nos o sentido de imortalidade. A vida

individual é elevada ao tipo, isto é, ao arquétipo do destino feminino em geral. Ocorre assim uma apocatástase das vidas dos antepassados que, mediante a ponte do ser humano contemporâneo individual se prolongam nas gerações futuras. Através de uma experiência deste tipo o indivíduo é incorporado à vida cheia de sentido das gerações, sendo que seu fluxo (da vida) deve fluir através de cada um. Todos os obstáculos desnecessários são afastados do caminho, mas este é o próprio fluxo da vida. Cada indivíduo, porém é ao mesmo tempo liberto de seu isolamento e devolvido à sua inteireza. Toda preocupação cultural com arquétipos tem, em última análise, este objetivo e resultado (JUNG, 2006, §316, grifos do autor).

A beleza desse parágrafo pede por um diálogo. Mãe e filha totalizando uma consciência feminina capaz de ampliar a consciência individual estreita, rumo a uma personalidade maior e, além disso, participar do acontecer eterno.

Mãe e filha, uma contendo e alargando-se na outra. Ao vivenciar de forma consciente esses laços, trazer o sentimento da extensão da vida, perceber-se fora do tempo.

A possibilidade de vivenciar essa relação, agora de forma consciente, remete à imagem de um colar de pérolas composto por gerações de mulheres que começaram antes da avó e que terminarão muito após os netos.

Ocorre uma *apocatástase* das vidas dos antepassados, a ponte do ser humano contemporâneo individual que se prolonga nas gerações futuras. Na procura por esse termo ainda desconhecido encontra-se que ele foi criado por Orígenes de Alexandria, (185-253 d. C.) e designa a restauração final de todas as coisas em sua unidade absoluta com Deus. Representa a redenção e salvação final de todos os seres que habitam o inferno.

Imbuída em seguir o caminho dos sonhos e imagens que têm direcionado o trabalho, começa-se a escrever possíveis caminhos para, conforme a citação anterior, ampliar a consciência individual estreita, limitada e presa ao tempo e espaço, rumo a um pressentimento de uma personalidade maior e mais abrangente.

Pedir à Sofia, receber *crayons* em sonhos, ouvir o *intermezzo*, criou uma ideia.

Seria possível preencher com tintas, *crayon*, fazer uso da criatividade de forma a preencher lacunas inconscientes, estreitas ou limitadas da relação da mulher que escreve com sua mãe?

Criou-se, então, a ideia de encontros. Encontros entre mãe e filha. Um tempo espaço entre mãe e filha, acompanhados por um chá e trocas. A proposta foi recordar, conversar e trocar.

Uma bandeja, com jarra e xícaras de porcelana, passou a fazer parte da mesa da sala. Mãe e filha sentadas em poltronas, conversando. Antes do primeiro encontro, a mãe ansiava para contar um sonho... A proposta feita a ela foi: *Não quer anotar? Conversamos à tarde!*

O primeiro encontro acontece e flui de forma amorosa. A mãe com seu caderninho de sonhos com a bonita letra de uma mulher alfabetizada em torno de 1933. E o caderno da própria filha? A letra? O capricho? Divide-se, nesse momento, um misto de orgulho, inveja e desejo de fazer melhor.

Acolher o sonho da mãe trouxe uma sensação de comunhão. Para a mãe? Contou orgulhosa que tinha tido uma sessão de terapia.

Num segundo encontro, a filha, lembrando-se de um móbile que tinha ganhado da mãe, feito em Origami, pede para que ela lhe ensine a fazer a dobradura. A mãe tinha aprendido a técnica em curso com professora japonesa, no grupo de terceira idade. Inicia-se a sessão de dobradura. A filha, apressada, querendo aprender a fazer o pássaro *tsuru*, e a mãe fazendo uma caixinha, de forma brilhante e rápida. A filha inquietou. Era do jeito da mãe. Mas, ao lembrar-se da proposta do encontro, trouxe calma e compreensão para o momento.

O que é um *tsuru*? É um pássaro considerado o mais velho do planeta. Conta a lenda japonesa que ele pode viver mil anos. É considerado companheiro dos eremitas que meditavam nas montanhas e acreditava-se que teria poderes sobrenaturais para não envelhecer.

A filha, inquieta, foi à internet e aprendeu a fazer seu próprio *tsuru*. Impaciente? Aprendizado de vida de que algumas coisas terá que aprender sozinha?

As dobraduras seguiram e a mãe disse sabiamente: “Origami é que nem a vida, vai para a direita, vai para a esquerda, até acertar. É fazer o caminho à chegada do objetivo.” Divagando no que diz respeito a caminho, objetivo, ela complementou: “Cada um tem o seu objetivo e vai tentando acertar...”.

Nesse encontro disse: “Eu não vou me entregar, me esforço para sair da cama, mesmo com dor”. Segue contando e repete uma história de sua vida. “Estava em Porto Alegre, visitando, com meu pai, um amigo dele no centro da cidade. Naquele tempo se via longe, estava com 19 anos, e eu questionava... Que prédio era aquele, tão lindo? Tratava-se do prédio da faculdade de Belas Artes. Foi o meu sonho estudar ali, mas meu pai respondeu que os irmãos já estavam na faculdade e eu tinha que cuidar da mãe. Em minha vida sempre fui muito breçada.”

Ouvir essas palavras trouxe um novo entendimento; ao ver a vida da mãe não vivida, cria-se um espaço de acolhimento e compreensão.

Ampliar as histórias traz novas perspectivas. Detalhes diferentes capazes de capacitar a empatia. O foco ainda estava no completar-se, gestar-se, fazer o seu próprio origami, e não em aprender com, compreender, estar com a própria mãe. O processo de transformação estava começando.

Acontece um novo encontro e a mãe contou de sua própria mãe: “Bem, eu só via minha mãe...”. A palavra que ela usou já foi logo esquecida, levando a autora, filha, procurar em algumas anotações – “Minha mãe estava sempre funcionando. Acho que eu também funciono”.

Para a autora, constatar que havia uma *hamartia*, um modelo que se repetia e que não se tratava de um descuido ou desinteresse. Esta mãe vinha de uma mãe de nove filhos e que nunca parava para nada, tinha muitos afazeres, estava sempre funcionando. A simples possibilidade de observar e trazer consciência que esta mãe, mesmo que esteja tudo pronto, não consegue parar, nem com a mesa servida, começa a gerar sentido. O que faz com que com as amigas ela sente e jogue baralho e com os filhos não consiga? Essa questão também já está respondida. O modelo.

Esse incômodo que fora persistente e copiado pela filha, que também não senta e não aceita ajuda, apenas *funciona*, poderá agora tomar um novo rumo. Aquela sensação de pressa, de que havia ainda algo a ser feito, pressa esta que muitas vezes gerou ações e não lhe permitiu o relaxar, agora poderá ser revista. Foi necessário ir à poltrona para encontrar a poltrona.

Houve *tintas*. Encontros em que se sublinhavam e reforçavam linhas de pautas musicais para que a mãe, com dificuldade de visão, pudesse vê-las e tocar em seu piano. Houve ideias para decorar músicas. Estava acontecendo *comunhão*.

Houve sessões de fotos. A mãe orgulhosa em mostrar-se no colo de seu pai. E a filha indignada em não ter nenhuma foto com menos de um ano. Há que se abrir o passado. Quem era a mãe? A primeira filha de um casal. Quem era a filha enquanto bebê? O contexto responde: A mãe estava de luto de sua própria mãe durante essa gestação. Verdades essas já conscientes, mas que ainda incomodavam. Mas, eis que,

dentro de todas essas, surge uma foto antiga (nunca vista) que apresenta a filha a ela mesma.

O colo? Não havia tempo para colos. Eram muitos filhos. Quem dava o colo era o pai em ambas as gerações.

Conversou-se sobre Fé. A mãe começou a refletir com relação a sua: “A minha perda de visão tenho que aceitar, até para o meu crescimento espiritual. Eu rezo bastante, mas não acredito muito em milagres, penso que se tivesse verdadeiramente fé, eu poderia melhorar”. Traz-se à lembrança o pedido de sua tia, que há dois anos fez o pedido de voltar a ver, e eis que, com um laser de última geração, está maravilhada em conhecer uma sobrinha-bisneta que ainda não tinha conseguido conhecer. Trata-se de um milagre? O que é fé?

Aconteceu encontro com mãe e suas três filhas. Brincou-se com respeito a seus ditados aprendidos na infância e foi encontrado na mais velha: *Quem não chora não ganha*. A que escreve trouxe: *Quem pede não ganha, quem chora apanha*. Já a irmã do meio disse não ter crença, ela simplesmente conquistava, seduzia. Esse diálogo mostra que cada irmã trouxe de sua infância histórias e vivências diferentes, permitindo, nesse encontro adulto, atualizar e relativizar o próprio pensar.

À medida que os encontros foram se sucedendo, já não havia datas marcadas, eles começaram a ser espontâneos. A filha começou a pensar na própria mãe de forma mais amorosa e participativa. A filha começa a acolher as necessidades de uma mãe de 86 anos com compaixão.

Jung diz que em algum lugar celeste existe uma imagem primordial de mãe:

Se eu fosse um filósofo daria prosseguimento ao argumento platônico segundo minha hipótese, dizendo: “em algum lugar celeste” existe uma imagem primordial de mãe, preexistente e supra ordenada a todo fenômeno do “maternal” (no mais amplo sentido da palavra). Mas como não sou filósofo e sim um empirista, não posso permitir a mim mesmo a pressuposição de que o meu temperamento peculiar, isto é, minha atitude individual no tocante a problemas intelectuais tenha validade universal (JUNG, 2006, §149, grifo do autor).

Esses encontros levaram a um movimento, uma vivência prospectiva, começa-se a criar uma nova relação entre mãe e filha. Ambas vivas e fazendo consciência, um

presente da natureza. Ter uma mãe idosa pode ser visto como uma possibilidade de aprender com ela também o envelhecer.

Uma filha à procura de sua feminilidade, mas, para ela, essa procura ainda estava em compartimento diferente de complexo materno atuante. Palavras de Marion criam novas reflexões:

A consciência do feminino surge da mãe, e você tem de se alicerçar nisso porque sem essa base você seria simplesmente soprado para longe pelo espírito. A consciência feminina, no meu entender, significa mergulhar nesse enraizamento e reconhecer quem é você como alma. Tem a ver com amor, com receber – nesta cultura praticamente todo mundo sente terror de receber. Tem a ver com entregar-se ao próprio destino, conscientemente - e não às cegas – mas reconhecendo com total consciência suas forças e limitações. (WOODMAN, 2003, p.43)

Ter vivido e trabalhado com femininos sem olhar para essa base talvez tenha criado um afastamento de si mesma. O foco esteve no verdadeiro feminino? Ou esteve em maior ou menor grau nos “ditos do feminino”? Da abnegação, descuido de si, mergulhos em teses e computadores? Ou ainda do feminino estereotipado?

Em *intermezzo*, questiona-se: Quem é você como alma?

Há o mergulho neste enraizamento? Houve o entregar-se ao próprio destino reconhecendo as forças e limitações?

A dádiva de poder mergulhar nesse enraizamento com a mãe e permitir-se trocar. Ter a mãe real com suas mãos enrugadas e cheias de manchas, não mais esbelta, nem mesmo com a beleza cultuada, com pouca visão, audição... Mas aqui, bem perto.

Seria possível criar a intenção de reconectar a intimidade perdida à história de vida de uma? De ambas?

O que da mãe não é conhecido? O que da filha não lhe é conhecido? Serão verdadeiros todos os julgamentos? Existe uma disponibilidade para transformar a relação? Qual a variável que pode ser feita? Existe ainda uma possibilidade prospectiva?

Esses encontros remetem a acolhimento: “Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que a vivência criativa nos liberta, ela também nos contém, de uma maneira muito semelhante à da mãe protetora e acolhedora da infância”. (BASSOFF, p. 190)

A ideia que se criou em expor-se, ir ao encontro, criar um espaço criativo com a própria mãe, trouxe alguns momentos libertos, outros com estranheza, uma disputa de saber, ensinar, falar, ouvir; houve, sim, um espaço criativo, mas esse não esteve isento das manifestações do complexo materno que importunava. O complexo vinha e cabia olhar para ele com muito respeito, pois havia uma deliberação interior, o encontro com a mãe: Um encontro criativo.

Após os encontros, em que um quadrado de papel começa a se tornar um *tsuru*, essa vivência criativa *a posteriori*, continha, acolhia e acolhe, conforme a autora supracitada, de forma muito semelhante ao acolhimento infantil, àquele que com palavras e memória não pode ser acionado.

Ainda, conforme Bassof, (p.160), “Quando criamos, porém, não podemos rasgar onde bem entendemos, porém somos forçados a caber dentro de uma estrutura de organização, seja ela o enredo de uma história, a métrica da rima de um poema, o andamento de uma composição musical, a moldura de uma tela.” As regras, a contenção permite que se confronte com sentimentos poderosos e se possa explorar com acolhimento.

A consciência de que:

A maioria das pessoas não alimenta suas almas, por que não sabem como. A maioria de nós, nesta cultura, é filha de pais que, como o restante da sociedade, correm o mais que podem, tentando se segurar financeira e socialmente, e também de várias outras maneiras. Há uma compulsividade à qual está a criança exposta, mesmo desde seus tempos de útero. No seu primeiro ano de vida, já é esperado que a criança tenha desempenhos. Frequentemente, o genitor não é capaz de receber a alma da criança, seja qual for essa pequenina alma, porque não reserva nenhum tempo para receber, ou por que não gosta do que a criança é. Muitos pais são muito preocupados em fazer com que seu filho tenha aulas de dança ou esqui, que frequente um bom colégio, e seja o primeiro aluno da classe. São tão ansiosos a respeito de tudo que estão tentando “dar” para a criança que não recebem na dela. Por exemplo, a criança chega correndo com uma pedra, seus olhos brilhando de deslumbramento, e diz: “Olhe que coisa maravilhosa eu achei”. E sua mãe comenta: “Devolva isso à terra que é o lugar dela”. Essa pequena alma logo para de trazer pedras para mostrar e se dedica ao que lhe é possível fazer para agradar a Mamãe. O processo de crescer se torna um exercício de adivinhação de como agradar os outros, em vez de uma expansão por meio de experiências. Não há crescimento sem sentimentos autênticos. As crianças que não são amadas em seu próprio ser não sabem como se amar. Quando se tornam adultas, têm de aprender a alimentar sua criança perdida e ser sua própria mãe.” (WOODMANN, 2003 p.66, grifo do autor)

Cabe alimentar a própria alma. É possível encontrar coisas maravilhosas e mostrar a si mesmo e ao mundo. Cresce-se com sentimentos autênticos.

Marion coloca ainda a importância de um apoio em nossas passagens e nascimento – “mesmo que você tenha de fazer o seu próprio trabalho de parto”. (WOODMANN, 2003 p.43)

E segue trazendo à luz as transformações possíveis a partir de um movimento pessoal:

Bom, é uma coisa notável, mas quando uma pessoa consegue atravessar alguma limitação, um movimento tem início nos outros. Acho que existe algo na linha de um movimento cultural rumo à ampliação de consciência. Certamente, quando uma pessoa, numa sala, é mais consciente, ela muda a consciência de todas as pessoas daquele local. E, numa família, se uma pessoa está trabalhando para se tornar consciente, todos da casa sofrerão mudanças.”. (WOODMANN, 2003 p.43)

III Conclusão

O caminho do presente trabalho passou pela atenção, uma espera atenta para manifestações do inconsciente, em sonhos, melodias, imagens e pelo ouvir das próprias palavras proferidas.

Houve a determinação, deliberação e a intenção de ir à mãe. Pediu-se pela poltrona, bandeja e xícaras de chá. Deu-se um tempo. Permitiu-se entrar no espaço sagrado, uterino, caldeirão alquímico.

O sonho ouvido: *Há que se ensinar inglês, para a criança com crayon, deve-se começar pela mãe.* Este apontou para movimentos criativos.

De forma guiada se saiu da posição de profissional médica e procurou-se olhar para o tempo em que se foi filha, e em que a própria mãe fora filha. Houve uma comunhão em que se esteve em contato com a mãe Natureza:

Quando vamos em busca da Natureza, vivenciamos uma união e uma integração com o universo que ameniza os conflitos e a fragmentação. A experiência exterior modifica a interior. A harmonia inerente ao mundo natural instila uma adorável sensação de unidade interna. Assim como a mãe tranquilizadora ameniza o sofrimento de seu filho contendo seus medos e ansiedades, a Mãe-Natureza pode ser uma fonte de consolo para o filho – ou filha – adulto, quando este sofre. (BASSOF, p. 157)

A atitude de tentar compreender, ter uma atitude amorosa, reconhecer em si que algumas expectativas são possíveis e outras não, que modelos existem e que podem ser mudados em si, que muito das queixas fazem parte do acervo pessoal, trouxe um encontro.

A imagem que foi criada neste trabalho foi a de um colar de pérolas. Há um fio que conecta cada pérola em uma longa ascendência e descendência. De duas em duas pessoas, pode-se criar uma nova pérola.

A imagem de uma colar de pérolas aponta para uma união de singularidades. Trazer à lembrança a formação de uma pérola remete à ostra, uma criatura viva. Uma concha que acolhe, protege e que é recoberta internamente pela *madrepérola*. Sempre que um parasita invade o corpo dessa ostra, a madrepérola se cristaliza sobre o invasor e cria-se a pérola. Essa gestação dura em torno de três anos. Pode-se dizer, então, que camadas de *madrepérola*, camadas de *mãe* criam a pérola.

A ideia de *intermezzo*, a melodia que tocou durante todo o trabalho, não parecia clara. E o segundo ato? De que se trata este segundo ato? O feminino não tem pressa, aguarda.

É hora de se sentir em preenchimento amoroso, na relação com a mãe, uma reverência ao sagrado do materno.

“No encontro feliz e amoroso entre mãe e filha, a Terra cobre-se de um verdor novo e abençoado, e Deméter, num ato de benevolência, consagra-se a ensinar os seus mistérios à humanidade.” (KOLTUV, 1997, p.35).

BIBLIOGRAFIA

BASSOF, Evelyn S. *Mãe e Filha*. São Paulo: Editora Saraiva, 1994.

JUNG, C. G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/>

KOLTUV, Barbara Black. *A Tecelã: Ensaio sobre a Psicologia Feminina Extraídos dos Diários de uma Analista Junguiana*. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

WOODMAN, Marion. *A feminilidade consciente*. São Paulo: Paulus, 2003

